

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK  
HOLMES



ARTHUR CONAN DOYLE

# SHERLOCK HOLMES

## O ARQUIVO SECRETO DE SHERLOCK HOLMES

TRADUÇÃO

LUCIENE RIBEIRO DOS SANTOS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*The Case-book of Sherlock Holmes*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
Sir Arthur Conan Doyle

Diagramação  
Linea Editora

Editora  
Michele de Souza Barbosa

Preparação  
Walter Sagardoy

Tradução  
Luciene Ribeiro dos Santos

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D754m	Doyle, Arthur Conan
	O arquivo secreto de Sherlock Holmes / Arthur Conan Doyle ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2022. 256 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Sherlock Holmes).
	Título original: The Case-book of Sherlock Holmes ISBN: 978-65-5552-830-5
	1. Literatura inglesa. 2. Aventura. 3. Detetive. 4. Mistério. 5. Suspense. 6 Crime. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.
2022-0962	CDD 823.91 CDU 821.111-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823.91
2. Literatura inglesa 821.111-3

1ª edição em 2022

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

# Sumário

Prefácio .....	7
O cliente ilustre .....	10
O soldado desaparecido.....	38
O roubo da pedra Mazarin.....	60
A casa Three Gables .....	80
A vampira de Sussex .....	99
Os três Garridebs.....	118
O enigma da Ponte de Thor .....	136
A estranha aventura do homem-macaco .....	164
A juba do leão .....	186
A inquilina sem rosto.....	208
O velho solar de Shoscombe .....	220
O comerciante de tintas falido.....	239



# Prefácio

**T**emo que o senhor Sherlock Holmes possa se tornar como um daqueles cantores populares que, tendo sobrevivido ao sucesso, ainda são tentados a fazer repetidas turnês de despedida para seu público condescendente. Um dia tudo acaba, e ele deve seguir o caminho de todo ser vivo, material ou imaginário. Gosto de pensar que existe um limbo fantástico para as criações da imaginação; um lugar estranho e impossível, onde os belos rapazes de Fielding ainda podem fazer amor com as beldades de Richardson, onde os heróis de Scott ainda podem se gabar, os encantadores *cockneys* de Dickens ainda causam riso, e os mundanos de Thackeray continuam a prosperar em suas repreensíveis carreiras. Talvez, no recanto humilde de algum Valhalla, Sherlock e seu fiel Watson possam por um tempo encontrar um lugar de descanso, enquanto alguns detetives mais astutos, com parceiros ainda menos astutos, poderão brilhar no palco que eles virão a desocupar.

Foi uma longa carreira, embora com um possível exagero; alguns senhores decrépitos que se aproximam de mim e declaram que essas aventuras formaram as leituras de sua infância não ouvem de mim a resposta que parecem esperar. Ninguém deseja ter a sua idade revelada

de forma tão indelicada. Apenas para situar os fatos, Holmes fez sua estreia com *Um estudo em vermelho* e *O signo dos quatro*, dois pequenos livretos publicados entre 1887 e 1889. Foi em 1891 que *Um escândalo na boêmia*, o primeiro de uma longa série de contos, saiu na *The Strand Magazine*. O público parecia agradecido e deseioso de mais; de modo que, desde aquela data, há trinta e nove anos, eles foram publicados em uma série descontínua que agora contém nada menos do que cinquenta e seis histórias, republicadas como *As aventuras*, *As memórias*, *O retorno* e *O último adeus de Sherlock Holmes*. E restaram estes doze contos, publicados durante os últimos anos, que aqui são reunidos sob o título de *O arquivo secreto de Sherlock Holmes*. Ele começou suas aventuras ainda nos estertores da era vitoriana, conduziu-as através do reinado de Eduardo VII e conseguiu manter seu próprio nicho, mesmo nestes dias febris. Assim, seria verdade que aqueles que o leram pela primeira vez quando eram jovens viveram para ver seus próprios filhos adultos seguindo as mesmas aventuras na mesma revista. É um exemplo notável da paciência e da lealdade do público britânico.

Na conclusão de *As memórias*, eu havia decretado terminantemente o fim das aventuras de Sherlock Holmes, pois senti que minhas energias literárias não deveriam ser direcionadas em demasia para um único canal. Aquela figura de cara pálida e pernas compridas estava absorvendo uma parte indevida da minha imaginação. Declarei a hora da morte, mas felizmente nenhum médico legista se pronunciou sobre os restos mortais; e assim, após um longo intervalo, não foi difícil responder aos lisonjeiros apelos e explicar meu ato precipitado. Nunca me arrependi, pois, na prática, descobri que estes esboços mais leves não me impediram de explorar e enfrentar minhas limitações em ramos variados da literatura como história, poesia, epopeia, biografia e drama. Se Holmes nunca tivesse existido, eu não poderia ter feito mais – embora ele talvez tenha ficado no caminho do reconhecimento de minha produção literária mais séria.



## O ARQUIVO SECRETO DE SHERLOCK HOLMES

E assim, leitor, digamos adeus a Sherlock Holmes! Agradeço por sua fidelidade no passado e só posso esperar que eu tenha contribuído, de alguma maneira, em nome daquela distração das preocupações da vida e da estimulante mudança de pensamento – as quais somente podemos encontrar no fantástico reino do romance.

*Arthur Conan Doyle*

# Capítulo 1

## • O CLIENTE ILUSTRE •

“Agora não há mais perigo.” Este foi o comentário do senhor Sherlock Holmes quando, pela décima vez em tantos anos, pedi para publicar a presente narrativa. Foi assim que finalmente obtive permissão para registrar aquele que foi, de certa forma, o momento supremo da carreira do meu amigo.

Tanto Holmes quanto eu tínhamos um fraco pelo banho turco. Em meio à fumaça, na agradável lassitude da sauna, eu o achava menos reticente e mais humano do que em qualquer outro lugar. No andar superior da casa de banhos da Northumberland Avenue, há um canto isolado onde dois divãs ficam lado a lado, e ali estávamos estendidos no dia 3 de setembro de 1902, o dia em que minha narrativa começa. Perguntei a ele se havia alguma novidade; em resposta, ele estendeu seu braço longo, fino e nervoso para fora dos lençóis que o envolviam, e tirou um envelope do bolso interno do casaco, pendurado ao seu lado.

– Pode ser um maçador qualquer, ou algum tolo que se acha importante; mas também pode ser uma questão de vida ou morte – disse ele, ao me entregar o bilhete.

– Eu não sei mais do que está escrito nesta mensagem.

Era do Carlton Club e datava da noite anterior. O que li foi o seguinte:

*Sir James Damery apresenta seus cumprimentos ao senhor Sherlock Holmes, e o informa sobre sua visita amanhã, às quatro e meia. Sir James pede licença para dizer que o assunto sobre o qual deseja consultar o senhor Holmes é muito delicado e também muito importante. Ele confia, portanto, que o senhor Holmes fará o possível para conceder esta entrevista, e que ele a confirmará telefonando para o Carlton Club.*

– Não preciso dizer que já confirmei, Watson – disse Holmes, quando devolvi o papel. – Você sabe alguma coisa sobre esse Damery?

– Apenas que é um nome muito conhecido na sociedade.

– Bem, posso dizer um pouco mais do que isso. Ele tem a reputação de se envolver em assuntos delicados que não se publicam nos jornais. Você deve se lembrar das negociações dele com Sir George Lewis sobre o caso Hammerford Will. Ele é um cidadão do mundo, com uma queda natural para a diplomacia. Somente espero que não seja alarme falso e que ele realmente precise de nossa assistência.

– Nossa?

– Sim, se você tiver a bondade de me acompanhar, Watson.

– Será uma honra.

– Então, você já sabe o horário: quatro e meia. Até lá, não precisamos mais pensar no assunto.

Naquela época, meus aposentos ficavam na Queen Anne Street, um pouco longe da Baker Street; mesmo assim, cheguei antes do horário combinado. Às quatro e meia em ponto, foi anunciada a chegada do coronel Sir James Damery. Não é necessário descrevê-lo, pois muitos se lembrarão daquela grande personalidade: um homem sorridente e honesto, de rosto largo, com a barba bem-feita e, acima de tudo, uma voz agradável e suave. A franqueza brilhava em seus olhos cinzentos de irlandês, e o bom humor brincava em seus lábios sorridentes. O chapéu de feltro, o casaco escuro,

enfim, cada detalhe, desde o alfinete de pérola na gravata preta de cetim, até as polainas cor de lavanda sobre os sapatos envernizados, mostrava o cuidado meticuloso no vestir, pelo qual ele se tornou famoso. Aquele grande e magistral aristocrata dominava a nossa pequena sala.

– Naturalmente, eu já esperava encontrar aqui o doutor Watson – observou ele, com uma saudação cortês. – Sua colaboração pode ser muito necessária, pois estamos lidando nesta ocasião, senhor Holmes, com um homem para quem a violência é familiar e que, literalmente, ninguém consegue prender. Eu diria que não há homem mais perigoso na Europa.

– Já tive vários oponentes que receberam essa lisonjeira descrição – disse Holmes, com um sorriso. – O senhor fuma? Então me perdoará se acender meu cachimbo. Se o seu homem é mais perigoso que o falecido professor Moriarty ou o coronel Sebastian Moran, que ainda está entre os vivos, então realmente vale a pena caçá-lo. Posso perguntar o nome dele?

– O senhor já ouviu falar sobre o barão Gruner?

– Aquele assassino austríaco?

O coronel Damery ergueu as mãos enluvadas de pelica, dando uma gargalhada.

– O senhor é insuperável, senhor Holmes! Esplêndido! Então já o identificou como assassino?

– Costumo acompanhar as notícias sobre os crimes no continente. Quem poderia ter lido o que aconteceu em Praga e ter dúvida quanto à culpa do homem? Ele foi salvo por um ponto legal puramente técnico e pela morte suspeita de uma testemunha! Estou certo de que ele assassinou a esposa no chamado “acidente” do desfiladeiro Splugen, como se eu o tivesse presenciado. Eu também soube que ele veio morar na Inglaterra, e tive um pressentimento de que, mais cedo ou mais tarde, ele me daria algum trabalho. Bem, o que o barão Gruner tem feito? Espero que não seja algum resquício dessa antiga tragédia.

– Não, é muito mais sério do que isso. Vingiar um crime é importante, mas impedi-lo é mais importante ainda. É uma coisa terrível, senhor Holmes: ver uma grande desgraça, uma situação atroz, desenrolar-se diante

de seus olhos, saber claramente onde tudo isso vai dar... e, mesmo assim, ser totalmente incapaz de impedi-la. Pode um homem estar em situação mais difícil?

– Creio que não.

– Então, acredito que o senhor simpatizará com o meu cliente, cujos interesses represento.

– Não sabia que o senhor era apenas um intermediário. Quem é o interessado?

– Senhor Holmes, peço que não insista nessa pergunta. É importante que eu possa assegurar a meu cliente que o nome dele não será de forma alguma envolvido no assunto. Os motivos dele são, em última instância, honrosos e cavalheirescos, mas ele prefere permanecer desconhecido. Não preciso mencionar que os honorários do senhor estão garantidos, e que terá total liberdade. Certamente, o nome real de seu cliente é irrelevante.

– Sinto muito – disse Holmes. – Estou acostumado a lidar com o mistério em uma das pontas, na maioria dos meus casos; mas tê-lo em ambas as pontas é muito complicado. Receio, Sir James, que eu deva recusar.

Nosso visitante ficou muito perturbado. Seu rosto grande e sensível ficou turvado de emoção e desapontamento.

– O senhor não percebe o efeito de sua ação, senhor Holmes – disse ele. – Coloca-me em um dilema muito sério, pois estou certo de que teria orgulho em assumir o caso, se eu pudesse revelar os fatos; no entanto, sou impedido por uma promessa. Posso, ao menos, explicar ao senhor tudo o que me é permitido?

– Naturalmente, desde que o senhor entenda que eu não me comprometo com nada.

– Perfeitamente. Em primeiro lugar, sem dúvida o senhor já ouviu falar sobre o general De Merville.

– Merville, de Khyber? Sim, já ouvi falar dele.

– Ele tem uma filha, a senhorita Violet De Merville: jovem, rica, bonita, bem-educada, uma maravilha em todos os sentidos. É essa filha, essa linda e inocente menina, que estamos tentando salvar das garras de um demônio.

– Então, o barão Gruner tem alguma influência sobre ela?

– A mais forte de todas as influências que podem agir sobre uma mulher: a influência do amor. Como os senhores já devem ter ouvido, o sujeito é extraordinariamente bonito. Ele tem maneiras fascinantes, uma voz suave e aquele ar de romance e mistério que tanto impressiona as mulheres. Ele tem o sexo frágil totalmente à sua mercê e faz amplo uso dessa vantagem.

– Mas como esse homem veio a conhecer uma moça da posição da senhorita Violet De Merville?

– Foi durante uma viagem de iate pelo Mediterrâneo. O grupo de excursionistas, embora seletivo, pagou as próprias passagens. Quando os promotores descobriram a verdadeira identidade do barão, já era tarde demais. O pilantra se aproximou da moça e a envolveu de tal forma que conquistou o coração dela completamente. Dizer que ela o ama seria muito pouco. Ela o adora! Ela está obcecada por ele! Além dele, não existe mais nada no mundo. Ela não admite uma só palavra contra ele. Todos têm feito de tudo para tentar curá-la dessa loucura, mas em vão. Enfim, ela pretende se casar com ele no próximo mês. Como ela é maior de idade e tem vontade de ferro, ninguém sabe como a impedir.

– Ela não sabe sobre o episódio na Áustria?

– Ele foi astuto como o diabo, a ponto de contar para ela os escândalos mais abomináveis de sua vida passada, mas de tal forma que sempre se apresenta como vítima. Ela aceita cegamente a versão dele e não dá ouvidos a nenhuma outra.

– Maldito seja! Mas devo dizer que o senhor revelou, sem querer, o nome de seu cliente. Sem dúvida é o general De Merville.

Nosso visitante se remexeu na cadeira.

– Eu poderia enganá-lo e afirmar o que diz, senhor Holmes, mas esta não é a verdade. De Merville é um homem alquebrado. O bravo soldado foi totalmente desmoralizado por esse incidente. Ele perdeu a coragem que nunca lhe falhou no campo de batalha e se tornou um velho fraco e esquivo, totalmente incapaz de lutar contra um canalha tão brilhante e vigoroso como esse austríaco. Meu cliente, na verdade, é um velho amigo,

que conhece intimamente o general há muitos anos e se interessou por essa jovem desde que ela usava saias curtas. Ele não pode deixar essa tragédia se consumir, sem alguma tentativa para impedi-la. Não há nada que a Scotland Yard possa fazer. Estou aqui por sugestão do meu próprio cliente, mas, como já disse, há uma determinação expressa de que ele não deve estar pessoalmente envolvido no assunto. Não duvido, senhor Holmes, de que, com suas grandes habilidades, o senhor possa facilmente rastrear a identidade do meu cliente; mas devo pedir-lhe, como ponto de honra, que se abstenha de fazê-lo, e que ele permaneça desconhecido.

Holmes deu um sorriso enigmático.

– Creio que posso fazer essa promessa – disse ele. – Devo acrescentar que seu problema me interessa e que estou disposto a examiná-lo. Como devo manter contato com o senhor?

– O senhor poderá me encontrar no Carlton Club. Mas, em caso de emergência, há um número telefônico particular: XX. 31.

Holmes tomou nota e sentou-se, ainda sorridente, com o caderno de anotações aberto sobre os joelhos.

– O endereço atual do barão, por favor...

– Vernon Lodge, perto de Kingston. É uma casa grande. Ele teve sorte em algumas especulações bastante suspeitas e é um homem rico, o que naturalmente o torna um antagonista ainda mais perigoso.

– Ele está em casa no momento?

– Sim.

– Além do que o senhor me disse, poderia me dar mais informações sobre o homem?

– Ele tem gostos caros. Sei que é um apreciador de cavalos. Ele jogou polo por algum tempo em Hurlingham, mas teve de sair quando o escândalo de Praga se tornou notório. Ele também coleciona livros e quadros, pois é um homem de gosto artístico refinado. Creio que seja uma reconhecida autoridade em cerâmica chinesa, pois escreveu um livro sobre o assunto.

– Uma mente complexa... – disse Holmes. – Todos os grandes criminosos têm. Meu velho amigo Charlie Peace era um virtuoso violinista.